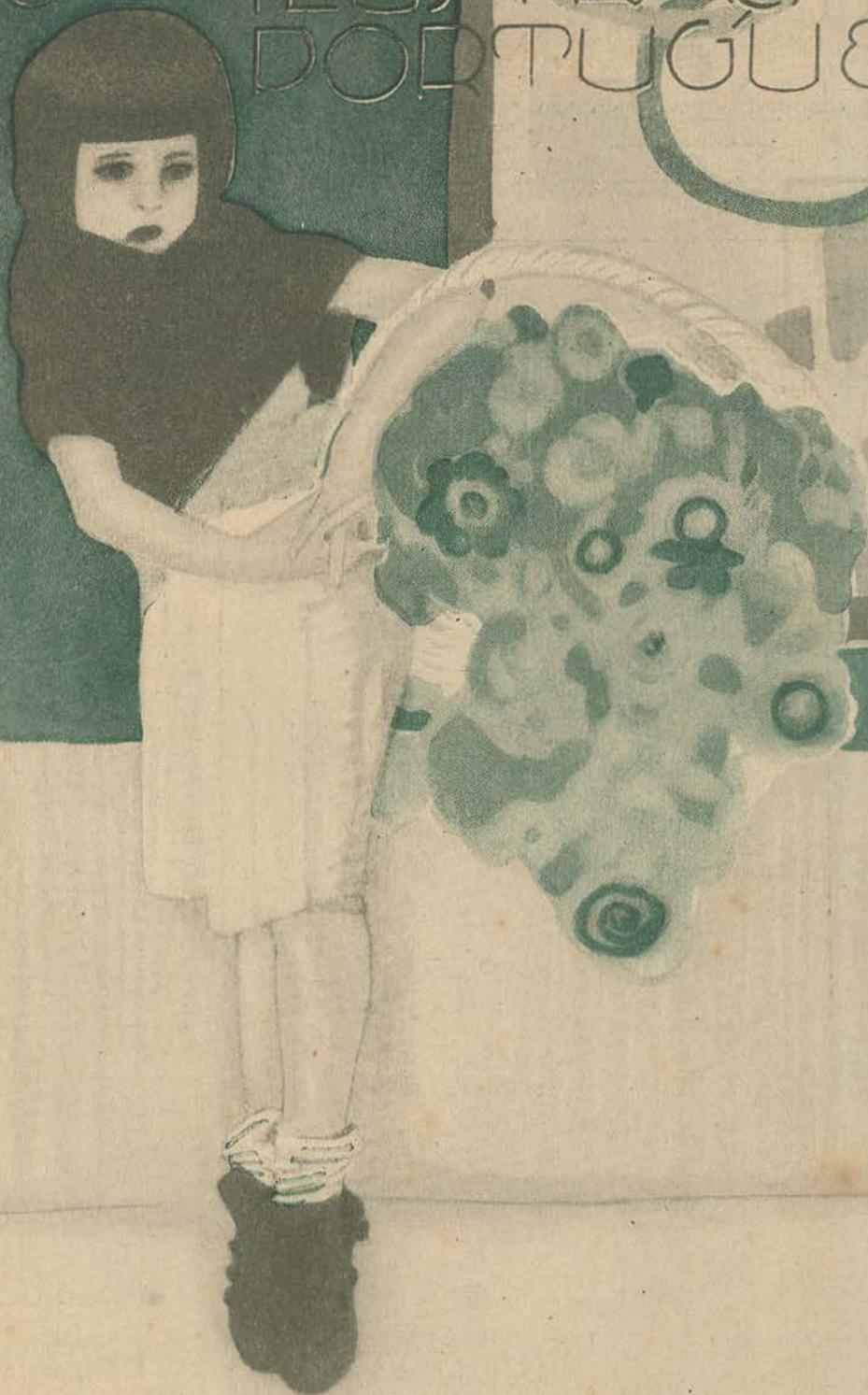


1920

ILUSTRAÇÃO
DORTUGUESA



ANTONIO
— NIO
SOMERS
1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colónias portuguesas e Espanha:
Trimestre 2800 ctv.
Semestre 5800 *
Ano 10800 *

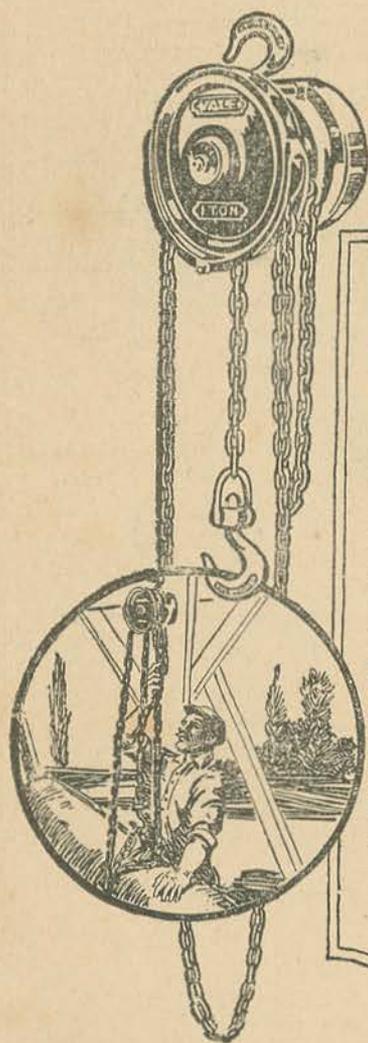
Redacção, administração e oficinas: Rua do Sécuro, 43 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

No. P2330-6 in. d. c. - J. R. K. Co.



Marcas de **YALE** Fabricas

UM GRÃO distinctivo do Cadernal Yale de Correntes com Engrenagem é a sua segurança — comunica confiança na mente do que o usa

As Peças Vitas — as que supportão o carregamento — são de aço especial escolhido e o seu desenho é mecanicamente correcto.

Juntamente com estas qualidades a sua construção tem sido cuidadosamente vigiada por meio de inspecções rígidas. A prova final é um carregamento 50% maior do que a capacidade assignalada ao cadernal.

Por razão da sua segurança, o Cadernal Yale de Correntes com Engrenagem usa-se em todas as grandes construções projectadas no mundo.

"Desde um gancho até o outro forma uma Linha Continua de Aço."

É feito pelos afamados constructores dos Cadeados YALE, dos Fechos Nocturnos, da Ferragem para Constructores, dos Asseguradores para Portas e das Fechaduras para Bancos.

Busque-se a marca de fabrica Yale no producto.

The Yale & Towne Mfg. Co.
Estabelecida em 1868
Nova York
E. U. A.

Companhia do PAPEL DO PRADO
Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Acções.....	300.000\$00
Obrigações.....	284.230\$00
Fundos de reserva e amor-tização.....	380.000\$00
Escudos.....	1.024.230\$00

SEDE EM LISBOA, Propriedaria das fabricas do Prado, Martanala e Sobrelrinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Loud) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispoño dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do patz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos. LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 603. Porto, 117.



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecção.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o)
6, Rue de la Tacherte, PARIS

Cabelos fortes, limpos, abundantes e sedosos

Só tem quem usa **VITELINA VITERI** TONICO AMARELO

Deposito geral: VICENTE RIBEIRO & C.^a, Suc.

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. — Telef. 2455

FRASCO 2\$50.—PEDIR NAS FARMACIAS E DROGARIAS



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 773

Lisboa 11 de Dezembro de 1920

20 Centavos



*A ilustre escritora sr.ª
D. Maria Olga de Moraes
Sarmiento da Silveira,
poetisa, conferencista
e autora de trabalhos
historicos, que reside em
Paris, onde não deixa de
notabilisar o nome de
Portugal.*

Cronica da Semana



PROSSEGUAM as obras do Rocio, com as quais, ao que se diz, se tem já dispendido dezenas de contos, decerto com proveito, porque é inadmissivel que, nas circunstancias afflittivas em que se encontra a burra camararia, alguém se puzesse, por mero capricho, a atirar com dinheiro para a rua. Fiquemos, pois, em que tais obras são indispensaveis e utilissimas, em que, se não vão aformosear o largo, lhe vão proporcionar outras vantagens, como a do apregoado descongestionamento dos passeios laterais, que

por enquanto continuam congestionadissimos, mas permita-se a um simples espectador que lamenta a perda d'algumas das belas arvores que ornamentavam o sitio e que a machad municipal implacavelmente tem deitado por terra, sem que os ecos dos golpes hajam logrado comover a vereação.

E' um lamento isolado, que não tenta fazer-se ouvir e que não representa senão um desabafo intimo, para uso proprio, mas que significa tambem—porque não havemos de confessa-lo?—uma tal ou qual extraneza, porque se nos affigura que existe contradição flagrante entre este procedimento d'uma repartição, que pode considerar-se do Estado, e d'outras que apregõam o culto e a defesa da arvore e que todos os anos levam as crianças a planta-las.

Bem sabemos que a acção, segundo uma lei da fisica, produz sempre uma reacção igual e contraria áquella, mas se um esforço tem de ser annullado por outro, se a Camara Municipal, mais dia menos dia, ha-de mandar cortar as arvores que o Ministerio da Instrução Publica mandou plantar, não seria mais logico que o primeiro d'esses esforços não se chegasse a realizar? D'este modo aquilo das

«escolas semeai»

com que nos matam o bicho do ouvido, não passa d'uma desafinadissima cantiga.

POUCAS, muito poucas das pessoas que se sentam na plateia d'um teatro para assistir a uma comedia, a um drama, a uma opera ou a qualquer outra representação, sabem avaliar a soma de trabalho ali gasta, por menos complicada que seja a peça, e a soma de dinheiro correspondente, em mil minucias: guarda-roupa, scenario, maquinismos, iluminação, etc. A ultima peça de grande exito entre nós, por exemplo, «A garra», conscienciosa tração de «La griffe» pelo nosso illustre collega Avelino d'Almeida, custou, antes de subir o pano pela primeira vez, na noite da estreia, alguns contos, não poucos; um casacão que Alves da Cunha, o interprete, por vezes magistral, do protagonista, não chega a vestir no ultimo acto, custou mil escudos, ou seja, em dinheiro antigo, um conto de réis...

E' de arrepiar, não é? E', e á primeira vista semelhante revelação pode até dar origem a serias preocupações sobre o futuro que espera que n' tenha de renovar o fato, mas uns segundos de reflexão atenuam poderosamente qualquer pessimismo, com apparencia de razão. Efectivamente, contando-se por libras, conforme é costume fazer em muitas regiões do país, o tal conto de réis não passa de vinte e cinco libras, pelo cambio mais recente, e ninguem dirá que um sobretudo por esse preço seja caro.

Aí fica, sem que ninguem no-lo pedisse, um remedio para a crise de desespero que a mimdo os jornais nos noticiam, originadas pela carestia da vida: quando uma pessoa se vir obrigada a pagar por muitos escudos qualquer mercadoria, tenha presente a cotação do dia, faça a redução a libras, lembre-se de quanto valiam quando

corriam entre nós de cavalinho ou a pé, e se não sentir consolação com o facto é porque é de ruim boca. E' verdade que quem ganhar ou tiver de rendimento quatrocentos mil réis, por mez, por exemplo, é como se tivesse apenas dez libras, mas quem estiver n'essas condições não faça cambios.

IGNORAMOS qual a gorgefa que, na presente emergencia haja de esportular quem tenha de recorrer a um restaurante ou a um hotel, para o criado que nos servir se mostrar satisfeito. Sabemos d' p soa que hontem foi comer a um restaurante, onde o jantar de mesa redonda custa quatro escudos, e que, tendo dado ao cavalheiro que se dignou transportar a comida da copa para a mesa da sala, quatro cedulas de dez centavos cada uma, novinhas em folha, sómente obteve do citado cavalheiro um sorriso desdenhoso, seguido d'um olhar de odio e d'um gesto de inimicida. Se tem dado menos, o freguez seria provavelmente estrangulado.

Quem tal nos contou não o fez em ar de censura nem supõe que a denuncia possa d'alguma maneira modificar de futuro a attitude do repontão; fe-lo, na esperanca de que nas casis de comida e n'outras onde seja de obrigação dar gorgefa, se indique por escrito, em sitio bem visivel, a quanto ela deve subir para que a existencia do hospede não corra perigo de maior vulto.

Cem por cento da despesa será sufficiente?

NÃO é um livro vulgar, «O mundo dos meus bonitos», do poeta Augusto de Santa Rita, com desenhos — bonecos, diz-se na capa — de Cott. Telmo, em elegante e artistica edição de H. Antunes & C.^a, livreiros do Rio de Janeiro; antes é uma curiosa e, em partes, primorosa colecção de poemas com originalidade e com alma, muito fóra do que estamos habituados a ler nos escritores modernistas, como se pode fazer ideia pelos versos, de notavel facilidade, que em seguida transcrevemos:

«Um dia Nossa Senhora,
Mãe de Nosso Senhor,
Era já muito velhinha.
Indo seu caminho não
Ouviu um certo rumor,
Um bater d'azas no espaço,
Mesmo ao tombar da noiteinha,
N'isto dos altos ceus tomba
Uma branca e linda pomba
Que lhe poisa no regaco
E lhe diz:—Salve-Rainhal

A Virgem não esperava,
Ficou muito surpr'endida.

Tudo em volta e cureceu;
E já elle murmurava:
—Eis o fim da minha vida!

N'isto um Anjo com um facho
Atraz da pomba desceu
Ao mesmo tempo que o ceu
Se rasgava d'alto a baixo!

E para lá, para o rico
Espaço cheio de luz
Layava a pomba no bico
A miminha
Tão levezinha,
Da mãezinha
De Jesus!

E ella então pensou melhor:
Que a Vila n' o se acabava
Que era então que começava
Ao pé de Nosso Senhor!

Acacio de Paiva



DISCIPULO do mestre Columbano, a sua palêta não ficou presa áquelas notas de côr, ungidas de melancolia e feridas sombriamente nos cantos recolhidos do *atelier*.

Dominam-a colorações quentes, em crepitações radiantes de luz, batidas pelos ventos...

Em vez da mancha que resume, o seu pincel, movido pela ancia de desvendar contrastes simultaneos de tons que se afastam e lampejos que se conjugam—afogueados de côr e desmaios de luz suspensos em rubores metalicos—, cuida revelar-nos um fogo cromatico fascinante.

A natureza afigura-se-lhe um grande lecido de côres, trabalhado pela substancia das coisas, sob a rotação luminosa dos astros.

Na aguarela, a sua sensibilidade de artista banha-se na pincelada liquida, transbordante, numa fresca e doce velatura, comparavel á graça casta de que as neblinas vestem montes e vales; no oleo, mesmo interpretando a be leza fugaz das rosas ou o turbilhão fila-

mentoso dos crisantenos, ha um certo ar contemplativo de enamorado e o recolhimento silencioso da saudade na cadencia sonorica das tintas; nos seus desenhos, a subtilidade, um vago e impreciso ar de misterio, modelando a expressão nas longiquas dâstancias das ondulações cromaticas.

Diante d'uma caixa de pasteis, o seu espirito sente-se hipnotizado. Os «batons» são para ele poeiras luminosas condensadas e, na se-

OS NOSSOS ARTISTAS
Martinho da Fonseca

por
NORBERTO
CORREIA



Pequenita de Trouxemil (Coimbra)

Anceio (sanguinea)

dução e magia caleidoscópica da côr, os seus dedos febris gizam retratos e finos perfis.

so do povo luso. Do riso da côr passa ao sombrio dos assuntos.

«Humildes», «Irmãos» e «Amargo pão» arrancam de seu pulso o firme abandono das figuras. A evocação da côr é toda feita do gotear doloroso dos que sofrem.

As «Flôres do Campo», c'òmo as flôres dos jardins, tem nele o mesmo e apaixonado culto: o perfume da côr; e, se o lapis apenas as vae surpreender em Coimbra, Trouxemil ou nos lugares aonde não faltam os humildes — aponta á nossa emoção, pelo fulgor significativo do olhar, toda a côr local, revelada no caracter firme, inteligente, rude ou gracioso



Irmãos (Coimbra) — («Cliché» de Luis d'Assunção)

A paisagem sublinha a dôr, irmanando-se em «Irmãos»; o interior — andrajoso de luz — torna-se amarguradamente espectral — espectro do pão que sempre sóbe e do maná que não cae, sob a egoística ferocidade d'estes tempos...

«Anceio» é a

vaporização do
lirismo passional,
fornalha d'amôr
escondida em cin-
zas de saudade—
olhar que se mor-



Flôres do Campo (Coimbra). Da coleção Honorio de Lima (Porto). — Aspecto do «atelier» na rua D. Carlos de Mascarenhas.

re... na ancia de viver, perdido, em outra vida...

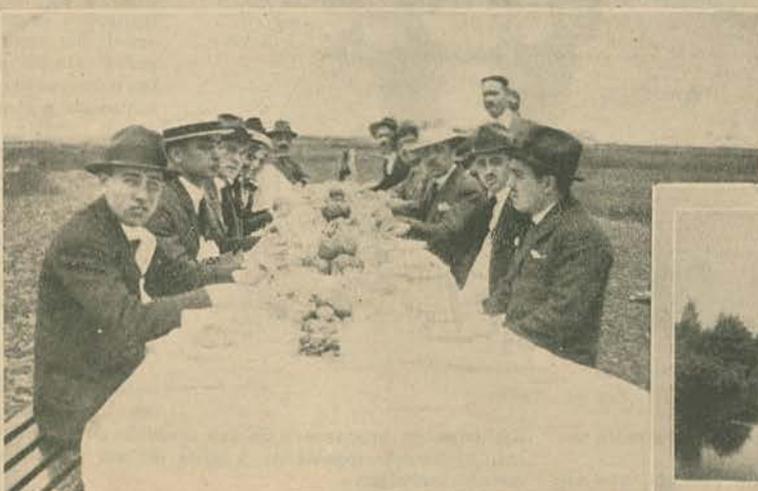
Lisboa—Fevereiro—1920

NORBERTO CORREIA

A excursão ao norte dos alunos do 3.º ano do J. S. de Agronomia

Os alunos com o seu professor sr. dr. Tavares da Silva na ponte sobre o Agueda.—Monte Farinha: Os apóstolos da Agronomia.—O rio Agueda.—Um lindo exemplar de cedro na quinta «Alta Vila», em Agueda

Instantaneos tirados durante a excursão pelo aluno sr. Alberto Pinto.





MANUEL Izidro, soldado da Grande Guerra, voltava novamente á sua aldeia. Fazia já dois anos que, numa tarde de Novembro melancolica e cinzenta, ele partira para as terras longes e desconhecidas em que se degladiavam os odios nos campos da desolação e da morte.

por detraz dos montes, á beira do oceano azul, lá estaria ela, a sua aldeia, em toda a simplicidade, em toda a candidez das suas casas brancas.

E agora, pelo caminho, a poucos passos de efectivar os sonhos de felicidade e esperança das longas noites de trincheira, o soldado gosava antecipadamente a alegria, a surpresa infinitamente ditosa que iriam ter ao vê-lo chegar, inesperadamente, a sua velhinha e a sua conversada.

Dens protegera-o, e ele, que nunca se furtára ao perigo do cumprimento do dever, tinha agora a dita de vêr de novo o luminoso céu da sua terra, de que os seus olhos andavam agnados.

Sentado junto á janela do compartimento de terceira classe, Manuel Izidro, avidamente, olhava o scenario, que perpassava na velocidade do comboio. E mentalmente ia relembando os nomes dos logarejos cuídos que faiscavam de alvura e que tão seus conhecidos eram.

No compartimento reinava o silencio, pois Manuel Izidro, embuido na contemplação, não dizia palavra e os seus companheiros, alinhados no comprimento dos bancos, estavam calados tambem, arregalando uns olhos respeitosos para a Cruz de Guerra e para a «Military Medal», que ornavam o peito do soldado.

A velocidade do comboio começou a abrandar.

Aproximava-se a estação porque Manuel Izidro anciava.

Logo sacudidos solavancos das rodas nos encontros dos carris deram aviso da chegada e o soldado, pegando na bagagem, achou-se na terra firme do cais da estação que servia a sua aldeia.

Ali já se respirava o ar fresco do mar, já o peito se lhe enchia de vida, da sua alegria da sua terra.

Eram só uns dois quilometros de estrada, que as suas pernas vigorosas galgariam depressa, e depois,

Trazia dinheiro, casariam logo, e para compensar as

lagrimas e as atribulações daqueles longos anos passados, Manuel Izidro prometia a si mesmo uma placida vida de alegre descaço.

E nestes pensamentos intimos cogitando, ia correndo a estrada. Tudo respirava alegria no campo; tudo parecia saudalo, dar-lhe as boas vindas.

Lançava-se o caminho atravez um viçoso estuario.

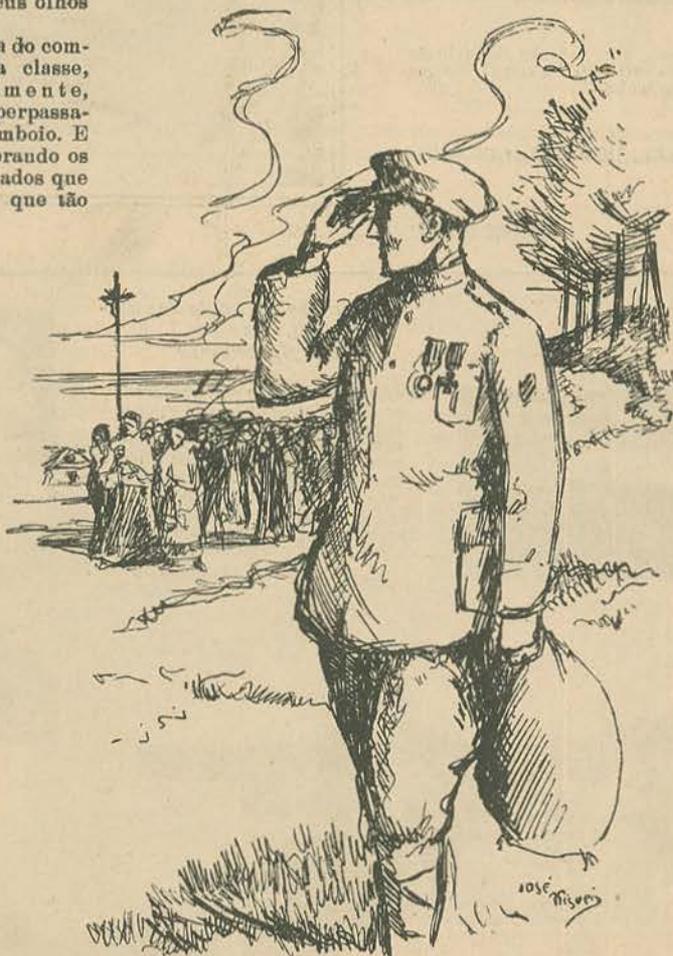
Extensos milhares davam á planície o tom alegre e verde que se estendia até quasi ao horizonte, onde emoldurava o quadro a orla verde-negra dos pinhais.

Á beira da estrada, na brancura cernel das suas paredes caídas, casitas camponesas ostentavam a simplicidade rustica de uma gorda ornamentação de aboboras doiradas secando nos beirais. E na frente do portal, caçada de branco como as casas, uma eirasita minúscula batida e varrida pelo sol.

No cimo de um outeiro, um moinho de vento erguia

aos céus os braços nus da sua armação despida de velas, e fazendo espadanar a agua de um regato, uma azenha trabalhava.

Braços de agua corriam, prateados, pela planura



Era um enterro...

toda verde, e por meio da herva alta que entre eles crescia, um ou outro boi pastando, punha no quadro uma mancha dourada, de riqueza.

As lavadeiras batendo a roupa pelas margens dos rios, os amplos estendedoiros matisados das côres variadas das roupas a côrar, tudo dava uma impressão de vida intensa.

A estrada corria, e, subitamente, se dava uma mudança de cenário.

Ja não eram os horisontes largos e limpos de ha pouco, já não era a alegria viçosa de todos os tons verdes de uma planura fértil.

Agora eram os pinhais, com a sua verdura melancólica, com a sua melancólica sombra, com toda a melancolia dos seus rumores.

Os pinheiros, hirtos como legionarios, formavam esquadrões cerrados até aos bordos do caminho.

E o ar era cada vez mais fresco, deixando pressentir a aproximação do mar.

Subito, erguen-se de entre a ramaria negra dos pinheirais uma mole gigantesca:

Era o Monte de Pedro.

Como um velho, ostentava no seu pincaro a decrepitude calva de uma longevidade de seculos, mas como um rei cobriam-lhe os descarnados flancos as dobras sussurrantes do manto verde-negro da côma dos pinheiros.

No cimo, coroando a sua mais inacessivel fraga, uma rude capela de ermitão e a vegetação luxuriante e densa, tapando os claros que o pinhal não cobria, formava uma mole de verdura, uma mole de granito.

A estrada passava, a um lado surgiu uma casa da guarda dos pinhais, e depois subia.

Uma longa fila de carros de bois, carregados de sal, movia-se vagarosamente, com uma toada laboriosa.

Manuel Isidro não conhecia os boieiros, mas saudou-os com a comunicativa alegria que lhe fa na alma.

O ar agora era cada vez mais fresco; a estrada chegava a um alto e depois, lançava-se para baixo, para o mar.

O horisonte largo era todo azul, de um azul vivo, sadio e limpo.

A perder de vista estendia-se o oceano, a reflectir o mesmo azul do céu, e em baixo, junto a ele, afogada por ele, uma povoação branca, de casas brancas, alegre e simples.

Era a sua aldeia.

O soldado parou no alto e espraçou a vista em redor, abrangendo tudo; depois o seu olhar descen á povoação e distinguu o telhado da sua casa e o telhado da casa da sua noiva.

Vinha gente, lá em baixo, passando as primeiras casas.

O coração alvoroçou se-lhe. Quem seria?! Seria gente conhecida?

Eram os primeiros abraços, as primeiras saudações joviais.

Ageitou num gesto de orgulho as medalhas sobre o peito robusto, e quasi correu por ali abaixo.

Era um enterro...

A' frente uma cruz alçada; depois o pároco ornado com as vestes funebres. Quatro rapagões levavam um caixão aberto e florido, seguidos de um grupo de anojados de gabão e capuz descido sobre os olhos.

Tilintava melancolicamente uma campainha.

Manuel Isidro abandonou o passo; quem seria o defunto?

Esperou que a tumba passasse, lançou a vista para o corpo inerte, e os seus olhos viram, hirta, pálida e mirrada, nos cabelos uma capela de rosas, o corpo envolto num vestido alvo de virgem, a sua conversada, a sua noiva, a sua Maria Joana.

Não lhe safu o mínimo lamento da garganta apertada, não lhe contrain a face o mínimo rictus de horror.

Os braços caídos ao longo do corpo e o corpo erecto, erguido a toda a altura, extático, assombrado...

O prestifo seguia o funeral caminho e os anojados de gabão cercavam Manuel Isidro e se carpiam.

O soldado continuava silencioso, assombrado.

Sobre o peito pendiam-lhe orgulhosamente a Cruz de Guerra e a «Military Médal».

Manuel Carrusca

Ilustrações de Rod. Migueis (1.ª, 2.ª e 4.ª)



ULTIMOS ECOS DA SEMANA



Os novos presidentes do Congresso. O general sr. Correia Barreto e o sr. Abílio Marçal.



O actor Rafael Marques que foi nomeado societario do Teatro Nacional.



O coronel medico sr. dr. Julio Cesar Pereira, recentemente falecido.—O sr. Antonio Augusto Remos, falecido em Valpassos.



POETAS NOVOS



O sr. Jaime Azancot Estudante da Faculdade de Direito Autor do livro de versos «Recordar» recentemente publicado.

Numa edição elegante da Empresa Editora e de Publicidade «A PENINSULAR», o Sr. Jaime Azancot, estudante da nossa Faculdade de Direito, acaba de publicar o seu primeiro volume de versos, a que deu o titulo «RECORDAR». Livro de estreante, mas revelador já de sentimento poético, «RECORDAR» tem qualidades que o impõem á nossa simpatia e ao estímulo do publico. Honra-se por isso a «Ilustração Portuguesa» em registrar nas suas paginas o retrato do joven poeta, cujo trabalho appareceu segunda-feira nas «vitrines» das livrarias.



O coronel sr. Forbes Costa autor do livro «Amer... sofrer», de que a critica traheu com elogio.



O casamento do sr. Feliciano de Castro Gíão com a Sr.^a D. Maria Vences em d'Almeida. Os noivos saindo da igreja, Cabrela

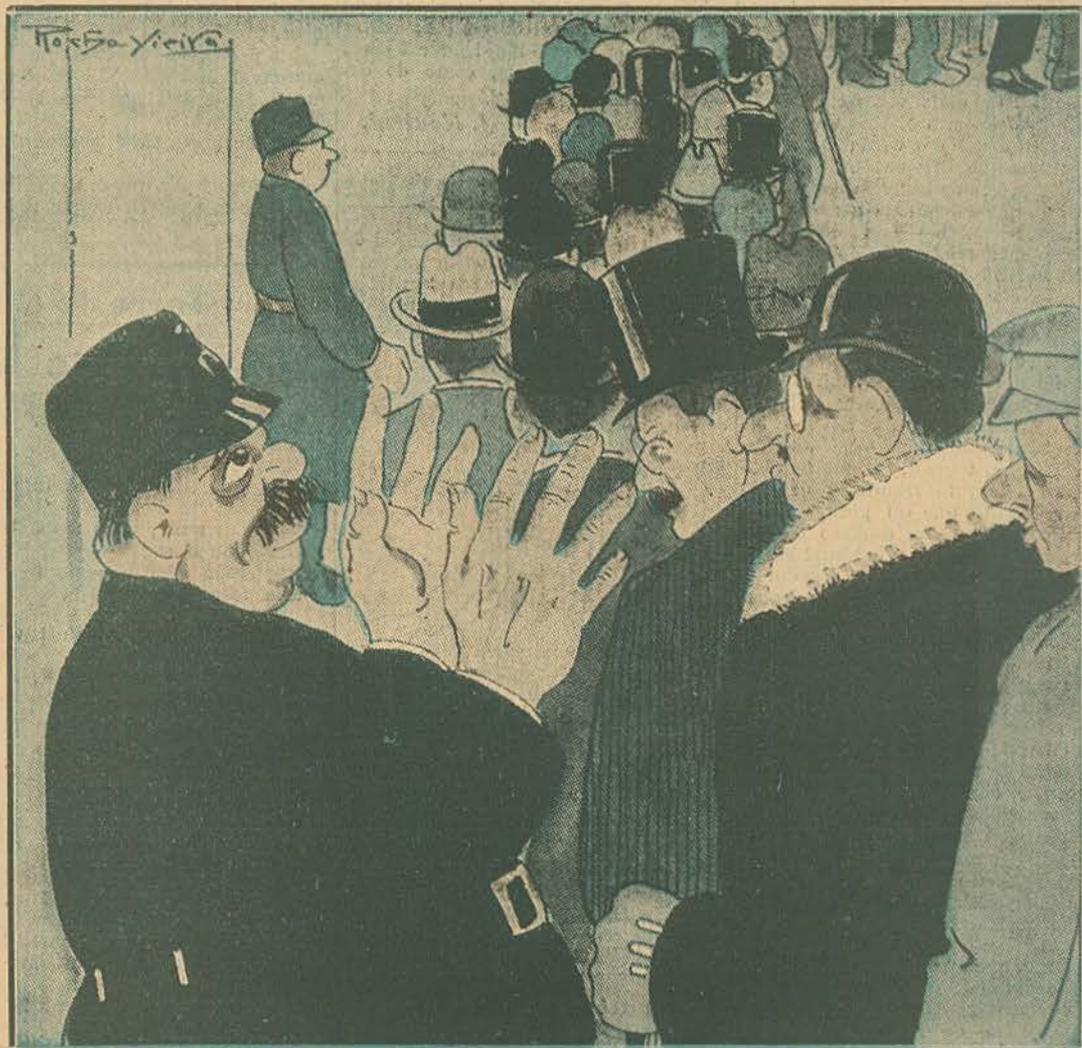
SUPLEMENTO
HUMORISTICO

O SECULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Bicha para ministro



O guarda:

— Ó' senhores! Não se impacientem, porque ha-de chegar a vez a todos!



PALESTRA AMENA

A sorte grande

Nunca nos saiu a sorte grande, que hoje não é coisa por aí além, mas que nos tempos em que a libra valia quatro mil e quinhentos réis dava bem para uma pessoa passar o resto dos seus dias sem a necessidade de escrever «palestras amenas» e outras estopadas semelhantes. Mas, por nunca nos ter saído, nem por isso somos da opinião d'aquela sujeito que imaginava que isso da sorte grande era uma santíssima parodia e que não saía a ninguém; pelo contrario, sempre tivemos a certeza de que alguém era contemplado com ela, por isso que conhecíamos e conhecemos varios individuos a quem ela tem saído.

Nem nos assombra o ter sido premiado com a «taluda», no curto prazo de 15 dias, isto é, em duas loterias quasi seguidas, o mesmo numero, o 2320; como nos não admiraremos de que seja premiado terceira, quarta e quinta vez, ou ainda mais vezes e isto pelo motivo de que em questões de sorte o inverosimil é que é o verdadeiro.

Imaginam que dizemos tolice? Pois então digam-nos se ha nada mais inverosimil do que sair a uma pessoa qualquer a sorte grande — e ao mesmo tempo não sair. E' idiota, não é? Pois nada mais verdadeiro, e lá vai a historia, que pode ser confirmada por muita gente que aí está em Lisboa, viva e sã.

O actor Silva Pereira, aquele excellent camarada que nunca envelheceu e que foi um dos companheiros dilectos do impagavel e alegre Vale, do Ginasio, costumava jogar nas loterias espanholas, sempre com o mesmo numero. Teimou, teimou, até que um bello dia o telegrafo transmite de Madrid a noticia de que «el gordo» tinha caído precisamente no numero de que Silva Pereira possuía o habitual bilhete. Imagine-se a alegria do jogador, a pandega rasgada, as doçices e despesas que ele faria á conta do que estava para receber.

Esperava o bom do Silva Pereira que o correio trouxesse a lista, mas no dia seguinte recebe-se em Lisboa segundo telegrama, relatando que por se terem cometido irregularidades durante a extracção da loteria, esta ficava anulada e, por consequencia, os bilhetes vendidos seriam premiados ou não, conforme outra extracção indicasse.

Não endoideceu Silva Pereira, porque era pessoa de miolos rijos, mas não-de concordar que poucas n'aquella situação resistiriam a um abalo cerebral.

— Mas, a que proposito nos conta o nosso querido «J. Neutral» esta trapalhada? perguntará o leitor, intrigado.

A proposito do Natal, que está a bater á porta, e da muita amizade que o sinatario d'estas linhas dedica a quem tem a paciencia de o ler. Tudo isto vem para expressar o veemente desejo de que a sorte grande do Natal d'este ano saia a todos os nossos leitores,

ou seja á parte dos seis milhões de habitantes de Portugal, que saber, não em cantelas de fracção minimas, o que seria ridiculo, mas n um bilhete inteiro, a cada pessoa.

...Estamos a ver o sorriso de desprezo com que, ao chegar a este ponto, o leitor nos mimosia. Parece-lhe certamente disparate que, sendo o numero premiado com a taluda apenas um, possa a dita taluda caber a tantos numeros diversos quantos são os leitores. Pois não é disparate, não senhores; precisamente para que fiquem convencidos de que é possivel a realização de tal desejo é que lhes contamos a triste aventura de Silva Pereira. Já lá dizia outro que esperava que um dia lhe saísse a sorte grande, sem comprar jogo, porque isso é que era... a verdadeira sorte.

Não comprem, pois, coisa alguma da loteria, deixem-se ficar em casa muito socegadinhos, que lá lhes irá ter a «mas sa», se tiverem sorte, como do coração desejamos.

J. Neutral.

A guerra de Fiume

Correu a noticia de que Gabriel de d'Annunzio tinha declarado guerra á Italia, mas parece que não se confirma — porque a Italia, vendo o caso mal parado, recuou. No entanto, o poeta esta-



va resolvido a tudo e já tinha as tropas a postos: logo que o inimigo se aproximasse apanhava uma d'estas descargas de alexandrinos que não havia de ficar com vontade de voltar a Fiume!

Literatura zoologica

Temos mais um bicho, desde a semana passada, no Jardim Zoologico, o sr. Ungira, ácerca do qual se estão escrevendo lindas coisas, como acontecen quando lá deu entrada o elefante, que ha pouco esteve para ser comido em bifés pela celebre quadrilha do Nariz Arrebitado, conforme devem ter visto

no «Seculo», edição da noite, nas fitas do Juca & Zeca.

Leiam o que se escreve do Ungira: «De porte alto, medindo mais de 1,50, esguio e elegante, de pernas finas e nervosas, tem o pelo sedoso e cinzento, zebrado de branco e a cabeça, animada por uns olhos vivos e meigos, coronada por uma armadura negra e recurva».

E' claro que com este estilo de cartas de namoro cai no Jardim o poder do mundo, para admirar o Ungira, tanto mais que nem lhe falta o atrativo do sofrimento a comover as almas sensiveis.

O animal perdeu a esposa uns dias antes de embarcar, em Africa, segundo diz o noticiaista, acrescentando, animadoramente que o sr. Governador de Mossamedes procura obter outra femea para vir fazer companhia ao ferido antilope, que está saudisissimo pela defunta, apesar de tal armadura negra e recurva que o corôa e que pode muito bem ter sido um presente conjugal.

E a proposito, diremos que o nosso impagavel Marques já disse á mulher que qualquer domingo iriam os dois visitar o Ungira.

— E' antilope, não é, perguntou-lhe a esposa?

— O jornal diz que é. responden-lhe o Marques, mas se calhar são intrigas...

Torre de chifre

A banhista

Quando ella entra no mar
Com toda a elegancia
Ninguem pode duvidar
Que ha pouco safu da infancia

Veem as ondas uma a uma
Orvalhar a sua trança
Enchendo d'alva espuma
Sua fronte de criança.

Ao longe os varios rochedos
Estremecem com amor.
Por ouvirem os segredos
Dos seus labios em flor.

No ceu as lindas aves
Passam tambem a escutar
Os seus suspiros suaves
O seu brando suspirar

As pequenas conchinhas
Pelos seus pés pisadas
Choram muito mesquinhas
Choram muito apaixonadas.

Quando do banho regressa
E' uma estatua exatadamente
Desde os pés á cabeça
Que até endoidece a gente!

Quem é que não ha de amar
Essa deusa da elegancia
Quando ella entra no mar
Saída ha pouco da infancia?

J. Almeida T. Tavares



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida i çodosa ispousa.

Lausso mais uma vez as mãos á pena pra çaber in prumeiro logar cumo paças i mal a ubrigassão i ós pois pra te dezer que lá fue ó benefisso da noça istimada Adelina ó Pauliteama cá de Lisboa que levou á cena uma grande-cissemma pessa xamada em franciu o «Lis», que pur pouco isteve pra cer tardzido por «Lirio» mas que infim ós pois de munto précurar nos dorseonarios n tardutor lá viu que «Lis» quer dezer Alegria de viver. Ora intão sempre te dezerei que «Lis» in franciu é a caxopa que fica pra tia, onja esta é a ditta Adelina ca gora tem 36 anns fora ns que mamon que bom pruveito le fassa i tem uma mana que é a Aurinha que d'antes era filha mas nisto de triato mudace de parintesco tondos us dias inté á mãis que ção das filhas um dia i filhas que ção das mãis no outro. A Aurinha gosta munto d'un ome que viu na Abadia, vai á ditta Abadia de bicicleta i tem um mano que istá pra casar cum uma minina munto feia benzã dens; n pai da ditta minina çabe du escando do paccio da bicicleta i já nan quer dar a filha ó caxopo. Porque çará, porque nan çará, finalmentes n pai da Aurinha i mal n mano lá descobrem que é porque n ome é toudo onradezes i isto de andar im bicialetas pur abadias nan é coisa que fique bem a uma familia de colidade. Aqui é que entra a ditta Adelina: que cim cinhor, ca mana andou prfeitamente i que penna tem ela de famem nan ter montado im bicialeta cando era nova porque outro gallo le cantava; ca cim nunca tinha cunhesido gallo nenhum i intão que deçhacem lá a caxopa i mal n caxopo da Abadia. A Aurinha é da mêma inpenião i vai de ain decha us pais i parte cu gajo prá Purcalhota, onde á uma ospedaria pra prenoitar i um quintal cum menzas adones ce decilitra vendo-se ó lonje n Vasuvio a deitar fumo pur um buraquinho du pano eu imaginei que era um Vasuvio vivo i ós pois du ispetaçulo lá fui pra assender n sigarro i só intão é que vi que era um voloço fingido.

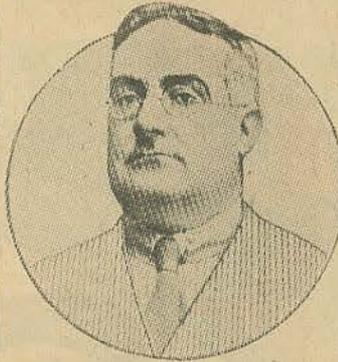
Lá dei muntas palmas a toudos cumo custumo i gustei munto d'uma pèssaga xamada Antoina de Soisa caqueia é que me incheu as medidas i canto ás outras prá outra vez fallarmos ca esta já vai cumprida de mais i tanho de ir jantar porque ção oras i já cei que cá na istalage tanho oje munto boa petesquêra que vem a cer pavides turradas i burriés, tudo isto pur vinte mel reis pur dia que inté nan á nada mais barato. Cum isto nan te infado mais dá coidades a quem pur mim prégnutar i bejos ós noços caxopos deste ca vida te deseija inté ó dia de juizo pra sempre á mái jasus

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama
de Peras Rulvas.

EM FOCO

Liberato Pinto



*Eu não sei se será do meu olfato
(Tenho o nariz sensível como burro)
Que aquilo lá por cima cheira a esturro
Desde que é presidente o Liberato.*

*Que está tudo calado como um rato,
Que não vem de São Bento um sussurro,
Por medo ou não á chanfahada e ao murro,
Eis o que oiço dizer e o que relato.*

*Ou faltava, se o homem se aguenta,
Se temos, finalmente, quem resista
A' furia, ainda ha pouco, violenta,*

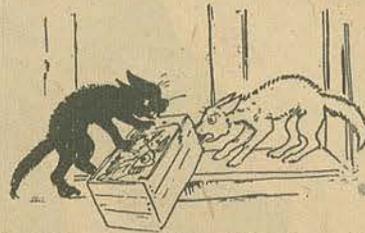
*Entre os varios partidos o «guardistas»,
Que o dito Liberato representa,
Ou será, outro-sim, da minha vista...*

BELMIRO.

O brasão da cidade

Como devem ter notado, os brazões de Lisboa estão sendo muito discutidos — isto é, o Brazão actor e o brazão escudo. Ora, o primeiro está definitivamente determinado; não ha duvida de que é um grande actor, quanto ao espirito, e quanto ao corpo tem tambem um feitio fixo, a que não ha, pois, que tirar ou que pôr.

Já outro tanto não acontece ao brazão escudo, ao brazão armas da cidade de Lisboa. Esse tem sofrido varias mudanças, nas mãos dos srs. vereadores, e quando julgavamos que, enfim, tinha chegado á sua forma última e irrevogavel, eis que aparece alguém a dizer, nos periodicos, que as armas de Lisboa não são aquelas, que são mui-



to diferentes, e tal e coizas sim, senhores.

Não temos grande competencia na especialidade, mas, como habitantes desta capital ninguem nos pode levar a mal que metamos o inteligente bedelho no assunto, para propôr alguns modelos de brazões, mais adequados á dita capital.

Que lhes parece, por exemplo, um par de gatos disputando espinhas, num barril do lixo? Tal combinação caraterisa ou não a cidade de Lisboa dos nossos dias?

Se não gastam, aí vão mais projectos:

1.º — Uma enorme «bicha» de infelizes, entrando por uma porta duma

carvoaria, e outra de policias, saindo por outra porta, cada um com o seu sacco de carvão ás costas.

2.º — Um bebedo a vomitar, com fundo côr de vinho.

3.º — A torre de Belem e um broxadador a pinta-la com tinta de pó de sapato. E' escolher. Ainda temos mais na forja.

O «trolley» aereo

Aparece agora um engenheiro francês a dizer que descobriu o «trolley» aereo para os aeroplanos e dizem as folhas que não se trata de novidade nenhuma, pois que a descoberta foi feita ha dez anns pelo aviador Pegoud, o primeiro que realisou o «looping-loop».

Pois fiquem sabendo esses descobridores d'uma figa e quem os toma a serio, que não descobriram nada. A prioridade da ideia da applicação do «trolley» aos aeroplanos deve-se mas é ao «Seculo Comico», que muito antes a expoz, com todas as minucias, como o leitor pode ver folheando a sua coleção do «Suplemento do Seculo», a primitiva denominação do «Seculo Comico». Mas se não está para ter o trabalho de recorrer ao arquivo, aí vae de novo a descrição sumaria do nosso invento.

Os postes das linhas telegraficas, em vez de terem, como até agora, um comprimento de 6 ou 7 metros, passariam a ter um comprimento de 6.000, 7.000, etc., isto é, sufficiente para exceder a maxima altitude das mais altas montanhas do globo. Estabelecida n'essa altura a linha telegrafica, adaptar-se-lhe-iam os «troleys» dos aeroplanos, com a vantagem de resolver a direcção e a segurança quasi absoluta para os aviadores, porque no caso de qualquer transtorno no aparelho agarrar-se-iam aos fios, seguiriam pendurados até o primeiro poste e por ele desceriam sem perigo até pôrem os pés em terra.

Precisavam, apenas, de saber um bocadinho de ginastica. Que tal?

Duzentos mil contos!!!



— Éna, tanto dinheiro! Isto, pelo preço a que chegou o papel, não é menos de dezoito tostões!

"Princesa Aurora"

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA



O Poeta

O poeta Augusto de Santa-Rita põe hoje á venda um livro de poemas, que o lapis de Cottineli Telmo flagrantemente illustrou. Intitula-se *O mundo dos meus bonitos* e é um luxuoso e artistico volume. D'ele destacamos o soneto inédito que damos aos leitores.

Era uma vez... uma Princesa Aurora,
Que tinha uns olhos d'onde o Sol nascia,
A qual surgindo, fosse noite embora,
Era sabido: — despontava o dia!

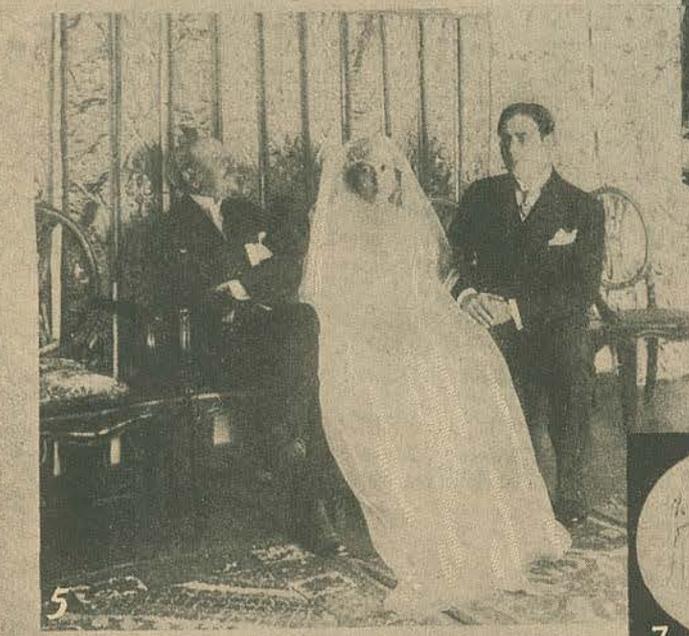
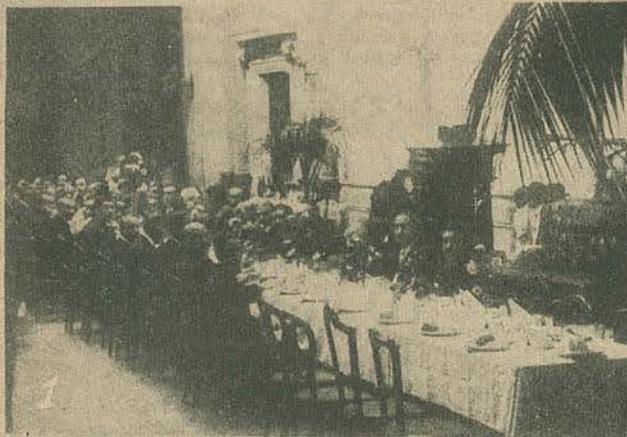
Um Principe indo seu caminho fóra,
Vendo-a surgir eis logo lhe dizia:
— «Cuidava que era meia-noite agora,
Mas afinal reparo que é meio-dia!»

Ela sorriu-se, ouvindo-o assim falar;
Seguiu seu rumo e n'isto escureceu.
Porém no espaço fez-se lindo luar!

Passado tempo casam; quem diria!
É vae... do casamento o amor nasceu;
O Amor, que faz da Noite um claro dia!

(Inédito)

FIGURAS & FACTOS



1. Aspecto dos Passos ardi-
dos onde foi oferecido o almo-
co aos presidentes das duas ca-
maras durante a ultima sess-
ão

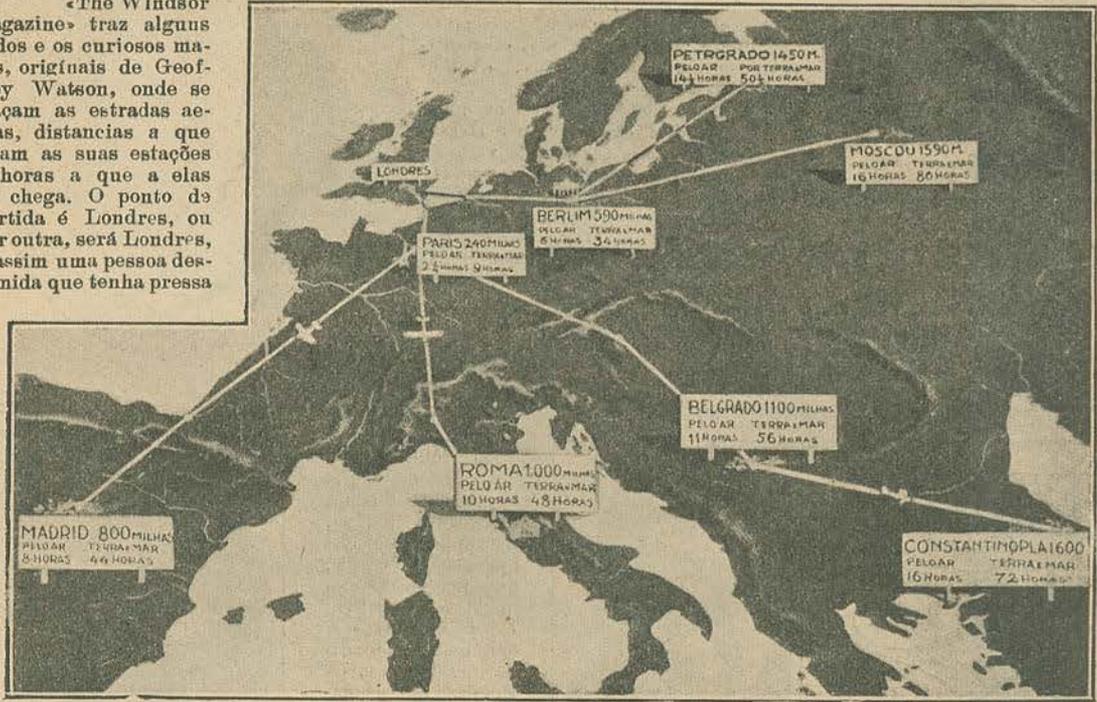
2. O sr. Belford Ramos e a
comissão que foi a Belem convidar o sr.
Presidente da Republica a assistir ás ex-
quis pelos Imperadores do Brasil. 3. Os
convivas do banquete oferecido ao sr. Al-
fredo Cintra chefe da e-quadra dos Anios 4.
O sr. D. Izidoro Lozano Flores, diplomata es-

AS GRANDES ESTRADAS AEREAS

AS COMUNICAÇÕES DO FUTURO
AS DA EUROPA E AS DE TODO O MUNDO

HOJE conta-se com a aviação como se conta com o caminho de ferro ou com a Mala Real Holandesa. E assim é que o último numero, chegado a Lisboa, de «The Windsor Magazine» traz alguns dados e os curiosos mapas, originais de Geoffrey Watson, onde se traçam as estradas aéreas, distancias a que ficam as suas estações e horas a que a elas se chega. O ponto de partida é Londres, ou por outra, será Londres, e assim uma pessoa desatendida que tenha pressa

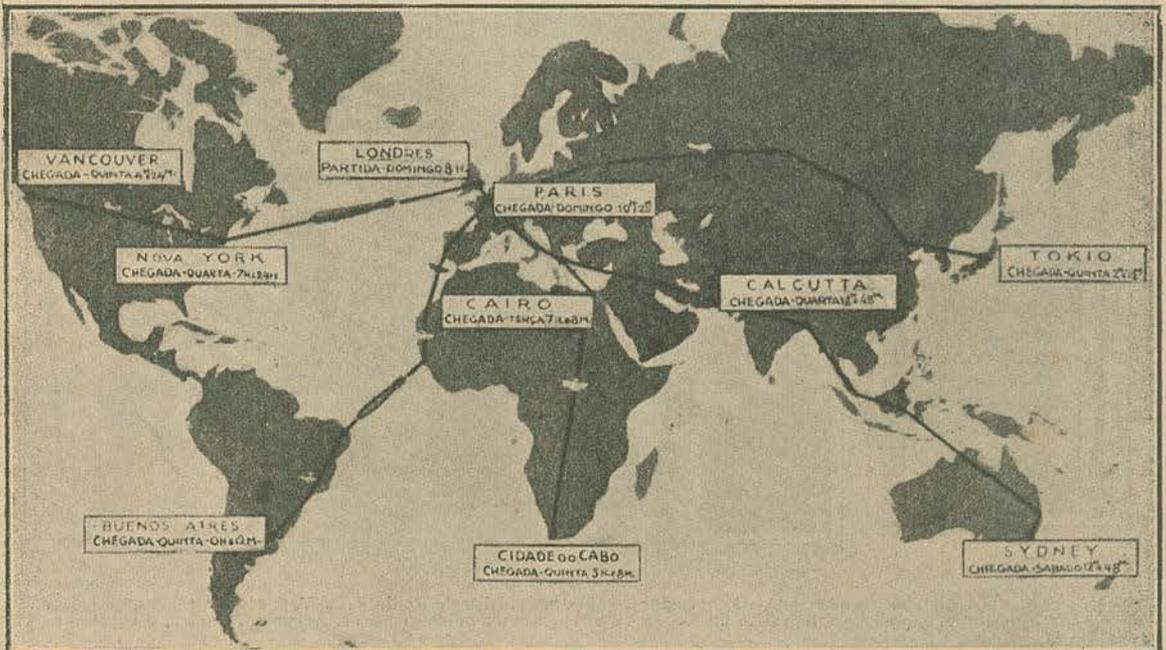
que de Londres o leva a Paris e d'ali a Constantinopla. Gasta n'isso um dia apenas. Se tomasse o comboio ou o vapor, em ambas as consas levaria 116 horas, isto é,



As estradas aéreas da Europa

de viajar vencerá os maiores precursores no menor espaço de tempo. Não se faz questão de distancia. E' a Constantinopla que o leitor quer ir? Pois toma o «aero-bus»

perderia 92 horas. Como se vê, é util, pratico e ninguém dirá que falte muito para que o problema esteja resolvido.



As grandes vias da aeronautica do globo terrestre

CH E FE



Magalhães

Aff. magalhães

As armas de Fernão de Magalhães

O CENTENARIO DE FERNÃO DE MAGALHÃES

No dia 1 de agosto de 1519 saíu Fernão de Magalhães de Sevilha, comandando cinco naus: «La Trinidad», «San Antonio», «Concepción», «Victoria» e «Santiago».

Destas cinco naus apenas uma, «La Victoria», voltou a Hespanha, depois ter feito a volta do mundo, trazendo 18 homens extenuados. Levára três anos a navegar e percorrera 14.000 milhas. Agora, celebra-se na Republica da Argentina o centenario do intrepido navegador, presi-

dindo a esses festejos o nosso ministro sr. dr. Alberto de Oliveira, o autor festejadissimo de «As palavras loucas».



EXPOSIÇÃO
DE
ARTE



conhecem obra, pois algumas das capas da nossa «Ilustração» são da sua autoria.

EM Santarem, Rosa Mendes, que é um caricaturista de grande futuro, fez uma exposição dos seus trabalhos, que foi muito elogiada pela critica. Rosa Mendes tem originalidade e caracter. Tambem na Regua o nosso colaborador Antonio Teixeira realizou a sua exposição. Dê já os nossos leitores



1. O caricaturista Rosa Mendes. — 2. «O Pensador». Sobre um motivo de Rodin. — 3. «Vem cá, não tenhas medo!». Um aspecto da exposição fotografica na Regua e o nosso illustre colaborador sr. Antonio Teixeira, o expositor.

ASSISTENCIA PUBLICA EM ESPINHO



A benemerita comissão de senhoras que administra a Cantina. Da esquerda para a direita: D. Leopoldina Pereira, D. Guilhermina Dias Pinto, D. Margarida Barbosa, D. Maria Dias Pereira, D. Zulmira Dias Loureiro (directora) e D. Ludovina Claveriz Vilanova.



Grupo masculino de socorridos pela Assistência. A Cantina desta benemerita instituição tem fornecido, em media, 10.000 refeições mensais, leite, medicamentos e dinheiro, a familias pobres envergonhadas.

ESPINHO, a risonha praia do oeste de Portugal, a dois passos do Porto, possui a obra de filantropia mais mo-

delar que existe em todo o país. A sua cantina fornece duas refeições diarias, que perfazem, mensalmente, a importante soma de 12.000 refeições, prestando ainda socorros na doença. A benemerita instituição procura agora levantar o seu edificio da Escola-Asilo-Oficina, cuja primeira pedra foi lançada em setembro d'este ano com toda a solenidade.

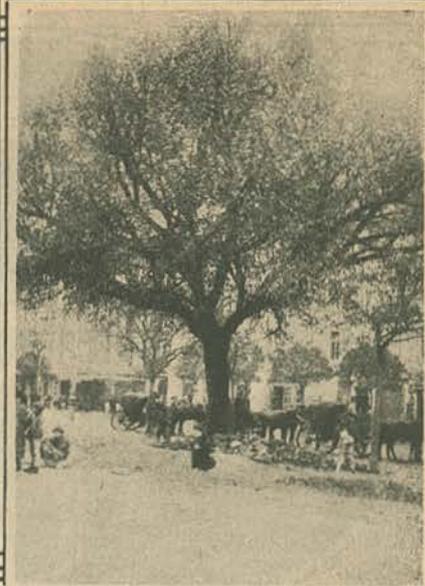
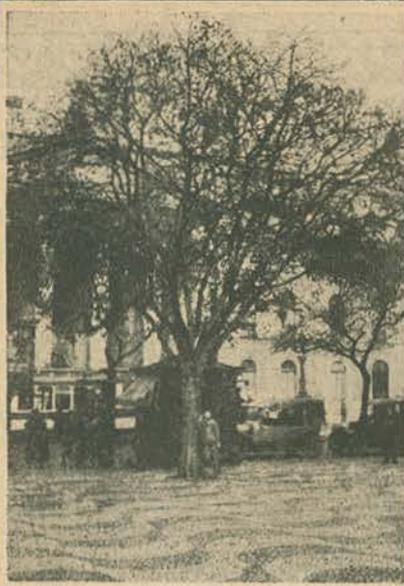


Grupo feminino de socorridos pela Assistência. A direita entre dois vogais da direcção, vê-se o grande benemerito Joaquim Teixeira de Carvalho, importante negociante no Rio de Janeiro, que contribuiu com 7.000\$ para a construção do Hospital-Asilo-Escola-Oficina. No primeiro plano, á direita, a directora da Cantina e uma das suas gentis ajudantes.

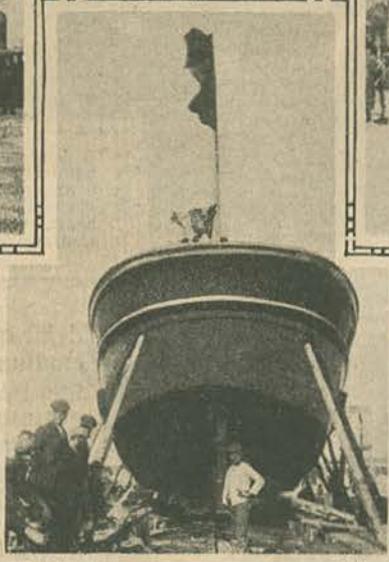


Uma refeição na Cantina da Assistência de Espinho.

LISBOA CIDADE DE MARMORE E DE GRANITO



NINGUEM dirá que as obras do Rossio não têm servido para alguma coisa. Pelo menos, tornaram maior o espaço para a gente ser atropelado e derribaram algumas das mais copadas e bonitas arvores da capital. Alguma

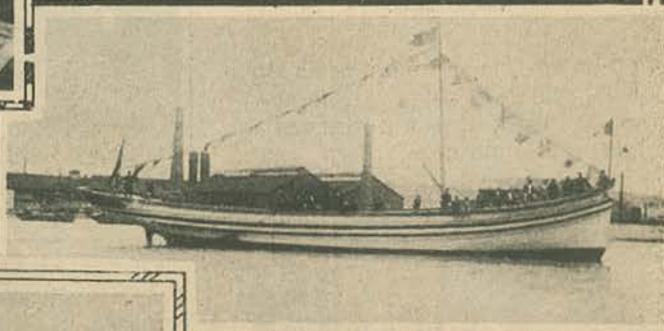
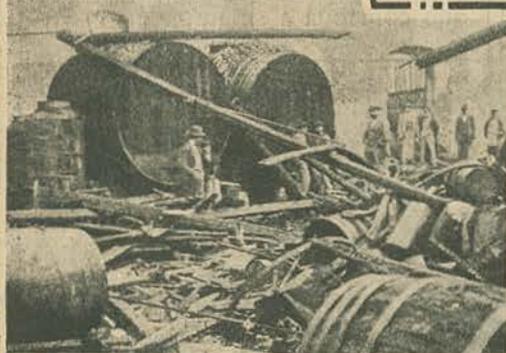


coisa é isso, vamos lá com Deus.

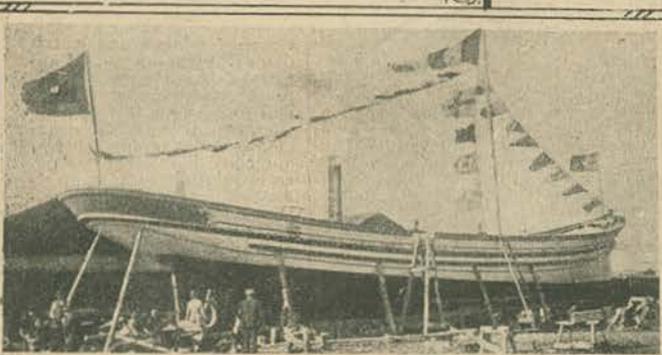
TAMBEM em Lisboa a industria particular começou construindo navios e bem haja pela sua iniciativa. Ressuscita-se, assim, das mais importantes fases do nosso passado, aumenta-se a nossa riqueza, intensifica-se o trabalho. Nós somos um país de marinheiros, digam lá o que disserem. Pois na praia do Bom Sucesso cons-

truiu-se o «Albertina», barco em madeira, que desloca 200 toneladas e que é o primeiro que neste genero Lisboa deita á agua. Será movido a vapor e destina-se á pesca de arrasto.

Nos dois primeiros dias fracassaram todas as tentativas de lançamento. Ao terceiro, porém, deslizou na



1 e 2. Guerra ás arvores.—Duas que as obras do Rossio supr miram.—3. Últimos aprestos para entrar na agua.—4. O fogo do armazem de vinhos do Poço do Bispo. —5 O «Albertina» após o seu lançamento á agua.—No estaleiro.

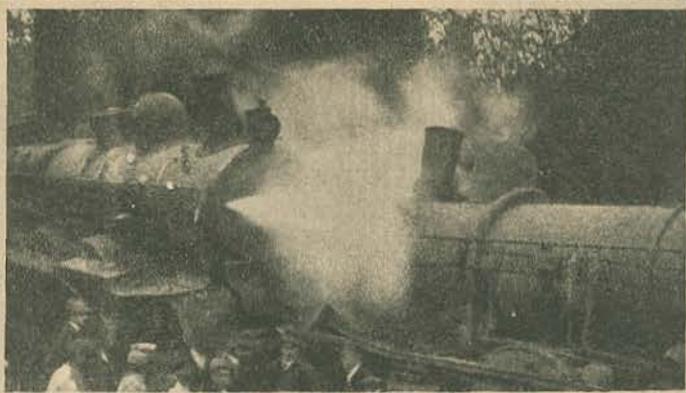


carreira com felicidade e balancea-se, hoje, imponente, perto da Torre de Belem, a joia manuelina de Garcia de Rezende. As nossas gravuras dão varios aspectos do navio, que é não só bem construido, como elegante nas suas linhas.



O CHOQUE DE COMBOIOS NA POVOA

Na estação da Pova, por imprevidencia de um factor que dirigia a estação, o comboio recoveiro 2001, rebocado pela maquina 353 de grande velocidade, chocou com o comboio 2006, tambem de mercadorias, resultando da colisão



so transformou num montão de ferros torcidos e quebrados, madeira desfeita, rodados encavalitados uns nos outros, mercadorias espalhadas, escapando por milagre um cavallo militar, o seu conductor e não tendo havido mortes, mas



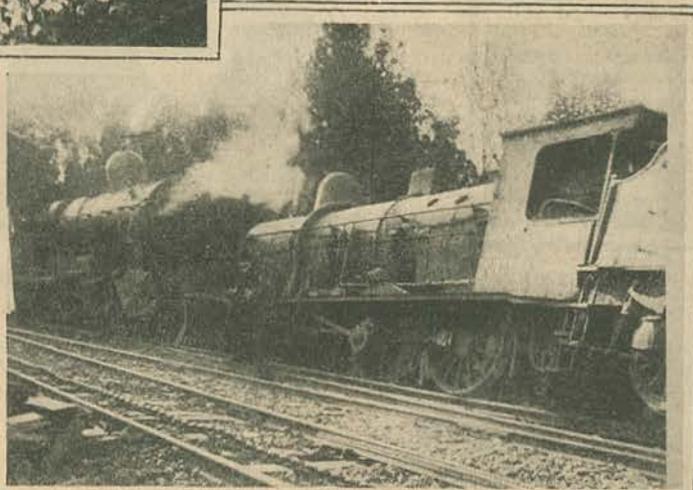
Montão de ferro e de destroços...

as maquinas ficaram bastante danificadas e muitos «vagens» quasi desfeitos.

Foi de manhã, ás 6,15, e na escuridão tudo se embrulhou, amalgamou e ficou um perfeito caos. Dos dois comboios poucos «vagens» ficaram sem dano. Tudo



Aspecto curioso fotografado logo immediatamente á catastrophe Desimpedindo a linha...



As maquinas na linha (vista de conjunto)

apenas feridos de mais ou menos gravidade.

Da estação de S.^{ta} Apollonia seguiu um comboio de socorro, que trouxe os feridos, levando ainda alguns dias a remoção dos destroços, de que ao leitor as nossas gravuras dão uma palida ideia.



O Estrangeiro Interessante



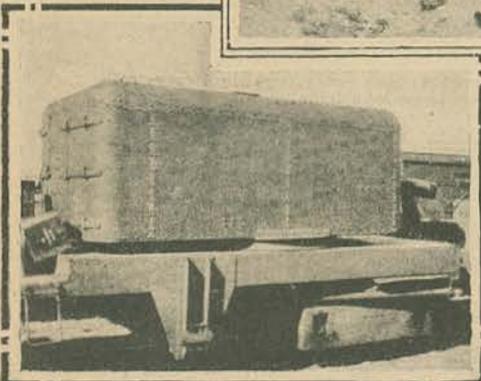
A celebrada bailarina espanhola Rosita.— *Mãos no ar!* Como na Irlanda se transita.— Vagon do comboio blindado de Lenine.

Uma bailarina. Quintero (D. Serafin) que se formou acadêmico e a situação na Irlanda, onde as suas ruas são o



Depois da sessão na Academia, Maura, Serafin Alvarez Quintero, seu irmão Joaquim e Ricardo León («Clichê» *Nuevo Mundo*).

que as nossas gravuras mostram. Depois o trem blindado de Lenine. Mais uma cadeira-motocicleta que, peizando apenas 32 kg., pode atingir 40 km. á hora. Constantino, rei da Grecia, e uma caricatura holandesa em que o russo bolchevista convida os seus irmãos operarios a gosa-



No dia da celebração do armistício na Irlanda.— O rei da Grecia, Constantino, que tanto deu e está dando que falar.

rem a solida e ferrea belesa do seu regime. Tal é o estrangeiro em rapido caleidoscopio.

Liberdade sóvietica : «Proletarios estrangeiros! Vinde deliciar-vos sob o Knout da liberdade. (Do *Nistenkraker*, de Amsterdam).

A cadeira-motocicleta «Golem» (Photothek)



PÓ DE ABYSSINIA EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho, Oppressão
 35 Anos de Bom Exito.
 Medalhas Ouro e Prata.
 B. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{as}
 8, Rue Dombasle
 PARIS
 e BOAS PHARMACIAS



TRABALHOS TIPOGRAFICOS

Fazem-se nas officinas

da
"Ilustração Portuguesa"

R. do Sucto, 45

LISBOA



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
 RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPÔ

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"
 A tosse acaga-se immediatamente.
 A febre desaparece.
 A oppressão e as punçadas nailharga succgam-se
 A respiração torna-se mais facil.
 O appetite renasce.
 A saude reaparece
 As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS POSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA
 DO CORPO MEDICO FRANCEZ.
 EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
 15, rue de Rome. PARIS



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambruse, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 5000, 10000 e 15000.

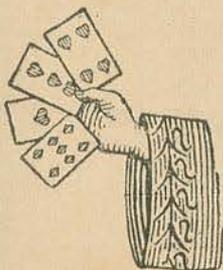
BONBONS

"CONDESTABLE"

Sortido de luxo da
AFRICANA

Annibal Tavares
 OURIVES-JOALHEIRO
 Sempre novidades
 — Rua da Prata, 97 —

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.º, Esq. (Gimio da rua d'Alegria, predio esquina)

Lavol dá um Alivio Instantaneo

Soffre de comichão picante, dá terrivel dor de eczema e outras enfermidades da pelle? Aqui tem alivio Instantaneo. Só umas gotas de Lavol, o poderoso remedio liquido para uso externo, e toda a comichão desaparecerá. Pode V. S. imaginar como se sentirá quando a comichão, irritação e dor desaparecer em um só segundo?

O Lavol cura. Só e necessario uma applicação para limpar a pelle de espinhas, erupções com comichão, defeitos faciaes, e os casos mais graves de doença da pelle, chagas abertas, eczema deitando agua, crostas duras ou escamas, cedem rapidamente a esta grande descoberta moderna.

Vende-se em todas as principaes drogarias e pharmacias.

VICENTE RIBEIRO &
 CARVALHO DA FONSECA

LISBOA PORTO
 287-10 Rua da Prata Rua Passos Manoel, 65



A. D. Marques

ARTIGOS ALEMÃES

RUA DO OURO, 200

LISBOA

TELEFONE C. 4346

COLGATE'S RIBBON DENTAL CREAM



Pasta para dentes da acreditada marca americana Colgate

A MELHOR E MAIS USADA EM TODO O MUNDO

Contra 25 cent. em estampilhas será enviada
uma amostra pelos

AGENTES GERAES:

SOCIEDADE LUSO-AMERICANA DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, L.^{DA}

EXPORTADORES & IMPORTADORES

LISBOA — PORTO

LISBOA, Telef. C. } 4096
4097

Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que tambem vendem sabonetes, perfumes, loções,
elixires dentifricos, crèmes, etc., d'esta acreditada marca americana.